

Fitando o Sinédrio, disse Paulo: varões, Irmãos, eu tenho sido um cidadão [diante] de Deus com toda boa consciência, até este dia. Mas o sumo sacerdote Ananias ordenou aos que estavam ao seu lado baterem na boca dele. Então disse Paulo para ele: Deus está prestes a bater em ti, parede caiada! Tu estás sentado, julgando-me segundo a Lei, e ordena baterem em mim? Os que estavam ao lado dele disseram: insultas o sumo sacerdote de Deus? Disse Paulo: não sabia, irmãos, que é sumo sacerdote, pois está escrito que Não falarás mal de uma autoridade do teu povo. Sabendo Paulo que uma parte era de saduceus e outra de fariseus, gritava ao Sinédrio: varões, irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseus. Estou sendo julgado a respeito da esperança e ressurreição dos mortos. Quando ele disse isto, houve dissensão entre fariseus e saduceus, e a multidão se dividiu. Pois os saduceus dizem não haver ressurreição, nem anjo e espírito; ao passo que os fariseus reconhecem ambos. Houve grande gritaria. E, levantando-se alguns escribas, da parte dos fariseus, diziam: não encontramos nenhum mal neste homem, se um espírito ou anjo lhe falou. Tornando-se grande a dissensão, e temendo o quiliarca fosse Paulo despedaçado por eles, ordenou que, descendo a tropa, o retirassem do meio deles, a fim de ser conduzido para a fortaleza.

Atos
23:1 a 10

Discurso de Paulo diante do Sinédrio

Paulo entrou a justificar-se, sumamente respeitoso. Risos abafados, não raro, quebravam o silêncio ambiente, a indicarem a termometria sarcasticamente hostil do auditório.

Quando a sua altiloquente oratória começou a impressionar pela fidelidade do testemunho cristão, o sumo sacerdote lhe impôs silêncio e vociferou enfático:

— Um filho de Israel, ainda que portador de títulos romanos, quando desrespeite as tradições desta casa, com afirmativas injuriosas à memória dos profetas, torna-se passível de severas reprimendas. O acusado parece ignorar o dever de explicar-se convenientemente, para tresvariar em conceitos sibilinos, próprios da sua desregrada e criminoso obsessão pelo Carpinteiro Revolucionário de Nazaré! Minha autoridade não permite abusos nos lugares santos. Determino, pois, que Paulo de Tarso seja ferido na boca, em desafronta aos seus termos insultuosos.

O Apóstolo endereçou-lhe um olhar de serenidade indizível e replicou:

— Sacerdote, vigiai o coração para não incidirdes em repressões injustas. Os homens, como vós, são como as paredes branqueadas dos sepulcros, mas não deveis ignorar que também sereis ferido pela Justiça de Deus. Conheço de sobra as leis de que vos tornastes executor. Se aqui permaneceis para julgar, como e por que mandais ferir?

Antes, porém, que pudesse prosseguir, um pequeno grupo de prepostos de Ananias avançou com açoitinhos minúsculos, ferindo-o nos lábios.

— Ousas injuriar o sumo sacerdote? — exclamavam fulos de cólera. — Pagarás os insultos!...

As lambadas riscavam o rosto rugoso e venerando do ex-rabino, sob os aplausos gerais. Vozes irônicas elevavam-se incessantes do seio da turba refece. Uns pediam mais rigor; outros, estentóricos, reclamavam o apedrejamento. A serenidade do Apóstolo dava pleno testemunho e mais acirrava os ânimos impulsivos e criminosos. Destacaram-se certos grupos de israelitas mais soezes e, cooperando com os verdugos, cuspinharam-lhe o rosto. Generalizou-se o tumulto. Paulo tentou falar, explicar-se mais detalhadamente, mas a confusão era tal que nada se ouvia e ninguém se entendia.

O sumo sacerdote permitira a desordem deliberadamente. Os elementos principais do Sinédrio desejavam exterminar o ex-doutor a qualquer preço. O Tribunal só se prestara ao julgamento de entremez, porque havia percebido o interesse pessoal de Cláudio Lísias pelo prisioneiro. Não fora isso, Paulo de Tarso

teria sido assassinado em Jerusalém, para satisfazer aos sentimentos odiosos dos inimigos gratuitos da sua abençoada tarefa apostólica. Solicitado pelo tribuno presente à reunião memorável, Ananias conseguiu restabelecer a calma no ambiente. Depois de apelos desesperados, a assembleia emudeceu expectante.

Paulo tinha o rosto a sangrar, a túnica em frangalhos, mas, com surpresa e pasmo gerais, revelava no olhar, ao contrário de outros tempos, em circunstâncias dessa natureza, grande tranquilidade fraternal, dando a entender que compreendia e perdoava os agravos da ignorância.

Supondo-se em posição vantajosa, o sumo sacerdote acentuou em tom arrogante:

— Devias morrer como teu Mestre, numa cruz desprezível! Desertor das tradições sagradas da pátria e blasfemo criminoso, não te bastam, por justo castigo, os sofrimentos que comesas a experimentar entre os legítimos filhos de Israel!...

O Apóstolo, no entanto, longe de acovardar-se, replicou tranquilamente:

— Juízo apressado o vosso... Não mereço a cruz do Redentor, porque a sua auréola é gloriosa demais para mim; entretanto, os martírios todos do mundo seriam justos, aplicados ao pecador que sou. Temeis os sofrimentos porque não conheceis a vida eterna, considerais as provações como quem nada vê além destes efêmeros dias da existência humana. A política mesquinha vos distanciou o espírito das visões sagradas dos profetas!... Os cristãos, sabeis-o, conhecem outra vida espiritual, suas esperanças não repousam em triunfos mendazes que vão apodrecer com o corpo no sepulcro! A vida não é isto que vemos na banalidade de todos os dias terrestres; é antes afirmação de imortalidade gloriosa com Jesus Cristo!

A palavra do orador parecia magnetizar, agora, a assembleia em peso. O próprio Ananias, não obstante a cólera surda, sentia-se incapaz de qualquer reação, como se algo de misterioso o compelsse a ouvir até o fim. Imperturbável em sua serenidade, Paulo de Tarso prosseguiu:

— Continuai a ferir-me! Escarrai-me na face! Açoitai-me! Esse martirologio me exalta para uma esperança superior,

porque já criei no meu íntimo um santuário intangível às vossas mãos e onde Jesus há de reinar para sempre...

— Que desejais — continuou em voz firme — com as vossas arruaças e perseguições? Afinal, onde o motivo para tantas lutas estéreis e destruidoras? Os cristãos trabalham, como o fez Moisés, para a crença em Deus e em nossa gloriosa ressurreição. É inútil dividir, fomentar a discórdia, tentar empanar a verdade com as ilusões do mundo. O Evangelho do Cristo é o Sol que ilumina as tradições e os fastos da Antiga Lei!...

Nesse ínterim, não obstante a estupefação de muitos, estabeleceu-se nova balbúrdia. Os saduceus atiraram-se contra os fariseus, com gestos e apóstrofes delirantes. Em vão, o sumo sacerdote procurava acalmar os ânimos. Um grupo mais exaltado tentava aproximar-se do ex-rabino, disposto a estrangulá-lo.

Foi aí que Cláudio Lísias, apelando para os soldados, fez-se ouvir na assembleia, ameaçando os contendores. Surpreendidos com o fato insólito, porquanto os romanos jamais procuravam intervir em assuntos religiosos da raça, os trêfegos israelitas submeteram-se imediatamente. O tribuno dirigiu-se, então, a Ananias e reclamou o encerramento dos trabalhos, declarando que o prisioneiro voltaria ao cárcere da Torre Antônia, até que os judeus resolvessem ventilar o caso com mais critério e serenidade.

As autoridades do Sinédrio não disfarçaram seu enorme espanto, mas como o governador da província continuava em Cesareia, não seria razoável desatender ao seu preposto em Jerusalém.

Antes que se verificassem novos tumultos, Ananias declarou que o julgamento de Paulo de Tarso, consoante a ordem recebida, prosseguiria na próxima sessão do Tribunal, a realizar-se daí a três dias.

Os guardas retiraram o prisioneiro, com grande cautela, enquanto os israelitas mais eminentes buscaram conter os protestos isolados dos que acusavam Cláudio Lísias de parcial e simpatizante do novo credo.

(*Paulo e Estêvão*. FEB Editora. Segunda parte – Cap. 8, p. 418 a 421)